



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CONTEXTOS TARDIOS NO TEATRO ROMANO DE LISBOA: RECONVERSÃO DE ESPAÇOS MONUMENTAIS

Lídia Fernandes¹, Marco Calado², Carolina Grilo³

¹ Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC / lidiafernandes@egeac.pt

² Colaborador do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC / arqueólogo independente

³ Arqueóloga do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC / carolinagrilo@egeac.pt

Resumo

O fenómeno de abandono e reconversão de equipamentos lúdicos em finais do império e na Antiguidade Tardia é comum às províncias da *Hispania*. Entre a desativação do teatro romano de *Olisipo* e a *Olysipona* goda, existe mais de século e meio de incertezas no registo arqueológico.

Apresentam-se neste artigo os dados relativos à escavação do espaço do *vomitorium* do teatro romano, identificado pela primeira vez nas campanhas arqueológicas conduzidas entre 1989 e 1993. Em 2015, este local foi objeto de uma segunda intervenção por dois dos signatários (L.F. e M.C.), registando-se o seu reaproveitamento para a instalação de uma área habitacional, a partir da segunda metade do séc. V d.C.

Palavras-chave: Teatro romano, Reaproveitamento, Arquitetura, *Vomitorium*, Cerâmica.

Abstract

The abandonment and reconversion of ludic equipment's at the end of the empire and Late Antiquity is common to the provinces of *Hispania*. Between the deactivation of the Roman theatre of *Olisipo* and the visigod *Olysipona*, there is more than a century and a half of uncertainties in the archaeological record.

This article presents data on the excavation of one of the Roman Theatre's *vomitioria*, first identified in the archaeological campaigns between 1989 and 1993. In 2015, this area was re-excavated by two of the signatories (L.F. and M.C.), registering its reuse for the installation of a housing area, from the second half of the 5th century AD.

Keywords: Roman theater, Reuse, Architecture, *Vomitorium*, Ceramics.

1. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A intervenção arqueológica realizada entre 1989 e 1993, pelo então Gabinete Técnico do Teatro Romano, teve como objetivo a escavação da Rua da Saudade, assim como os dois edifícios localizados a norte daquela artéria (com os antigos números de polícia 16 a 24).

A mesma colocou a descoberto estruturas arqueológicas de cronologia baixo-medieval, mas, especialmente de época pré-pombalina, estas últimas destruídas pelo terramoto de 1755, evidenciando um urbanismo intenso nesta área da cidade. Tais edificações apresentavam uma orientação distinta daquela que os novos edifícios iriam adotar após a reconstrução da cidade (Figura 1). Assim, estruturas de orientação sudoeste / nordeste abrangiam todo o leito da atual Rua da Saudade evidenciando que a antiga artéria viária que passava a norte, o antigo “Beco do Bugio Com Sahida”, teria uma implantação dissonante da atual Rua da Saudade, sua sucedânea (Fernandes, Almeida, 2013, p. 111-122; Fernandes, Almeida, Loureiro, 2014, pp. 19-33).



Figura 1 – Vista geral das escavações do Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, 1992 (Foto: Museu de Lisboa – Teatro Romano).

Em alguns casos conservavam-se os pavimentos destas estruturas habitacionais, como ocorreu numa habitação localizada no limite nascente da área de intervenção (coincidente com o atual limite do sítio arqueológico musealizado), ainda que em outros casos tais pavimentos já não se mantivessem. Assim, a metodologia arqueológica então implementada foi a de manter a totalidade das estruturas, intervencionando em profundidade, as áreas entre as mesmas.

Foi deste modo que foram sendo colocadas a descoberto algumas estruturas pertencentes ao monu-

mento cénico. Na maior parte da área foram revelados troços da infraestrutura das bancadas, realizados em *opus caementicium* os quais, em conjugação com os vestígios identificados num dos edifícios a norte da Rua da Saudade, também intervencionado na altura, permitiram delinear a planta das infraestruturas das bancadas do teatro. Foi deste modo reconhecido um sistema que se articulava com muros radiais e semi-concêntricos estando os primeiros orientados ao eixo do teatro.

Sensivelmente a meio do leito da Rua da Saudade foram identificadas duas grandes estruturas, paralelas entre si, que se revelaram constituir um dos *vomitoria* da *cavea* do teatro, isto é, uma das entradas / saídas que permitiam o acesso, através de corredores abobadados, à *imma cavea* (anel inferior). Estes dois muros radiais estabeleciam, na parte sul, um estrangulamento, tornando o corredor mais estreito, local onde se localizavam dois degraus que possibilitavam o acesso ao *praecintio* (corredor) de distribuição que separava a *imma* da *media cavea*. (Figura 2).

Foi precisamente neste espaço, relativamente reduzido e formado pelos dois muros radiais, que foi identificada em 1990 uma pequena área habitacional. Foi reconhecido um pavimento que reutilizou materiais pétreos, provavelmente oriundos do monumento cénico. A compartimentação do espaço foi conseguida pela edificação de dois pequenos muros. Um a norte e outro a sul, criando aqui uma pequena antecâmara entre o compartimento da habitação (ou a habitação propriamente dita) e os degraus que, a um nível superior, conduziam ao corredor da *cavea* do teatro (Figura 3).

O acesso entre estes dois espaços efetuar-se-ia por uma porta localizada no limite poente do muro sul. Uma ombreira comprova a existência desta porta, a qual possuiria um vão de 1,30 m.

Da intervenção então realizada (1989/1993), não resultou qualquer relatório ou publicação exaustiva sobre estas estruturas². Em 2015 tivemos oportunidade de intervencionar novamente a área norte do sítio arqueológico. Procedeu-se então à remoção das estruturas arqueológicas de cronologia posterior ao monumento cénico, opção equacionada dada a profunda dificuldade de leitura causada pelo imbrincado das diversas estruturas existentes. A reabertura pública do

² Intervenção arqueológica dirigida por Dias Diogo e onde participou uma das signatárias (LF). Da autoria do responsável da intervenção, o “relatório de escavação” entregue à tutela resume-se a 4 páginas. Ao longo do presente trabalho far-se-á oportunamente, referência aos trabalhos publicados sobre o material cerâmico recolhido naquela intervenção.

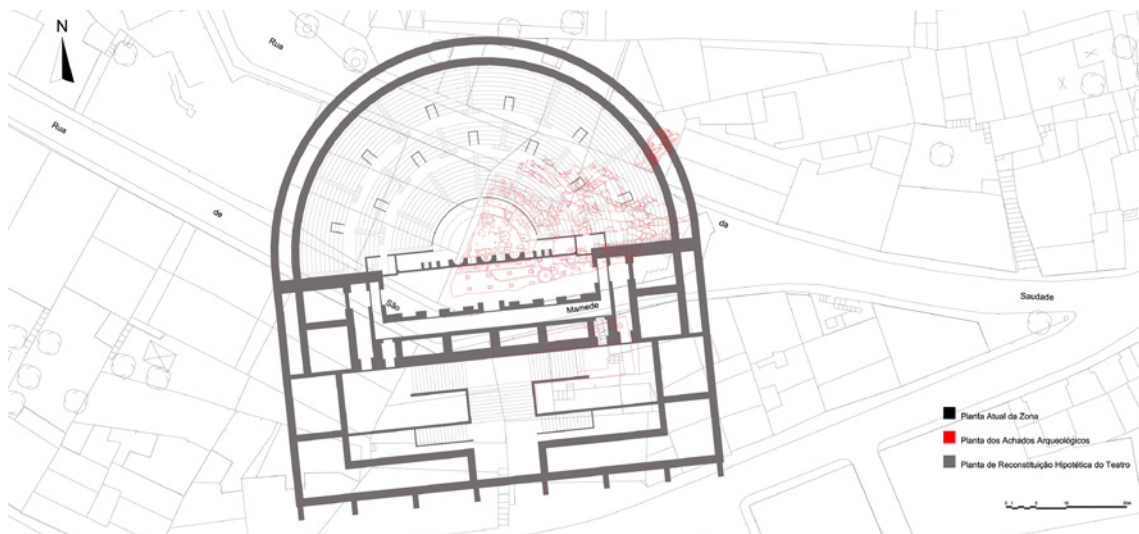


Figura 2 – Planta das estruturas arqueológicas e da reconstrução do monumento cénico. Desenho de Carlos Loureiro (Museu de Lisboa / EGEAC).



Figura 3 – Vista de sul da entrada do vomitorium do teatro romano. (Fotografia de José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).



Figura 4 – Perspetiva da área da estrutura de combustão no interior do vomitorium. (Fotografia de José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

museu, após o seu encerramento entre 2013 e 2015, propiciou igualmente esta decisão. A criação de uma nova exposição de longa duração e a musealização das estruturas arqueológicas no interior do museu obrigaram a repensar numa metodologia idêntica para as estruturas do sítio arqueológico. A convivência de vestígios de vários períodos temporais, todos eles em deficiente estado de conservação, reforçou a opção de privilegiar as estruturas de época romana (Fernandes, 2017, pp. 193-211; Fernandes, 2017-a, pp. 7-20).

Deste modo, após o devido registo, as estruturas de época moderna e contemporânea foram desmontadas e intervencionados os contextos subjacentes. No que respeita ao espaço do vomitorium existia uma pequena área, sob a tubagem de drenagem que não havia sido integralmente escavada. O espaço foi limpo e escavado, tendo sido identificada uma área de lareira (Figura 4), com argila ruborizada em seu redor, que se localizava ao lado do pavimento já identificado, composto por elementos pétreos reutilizados (Figura 5).



Figura 5 – Vista do pavimento da habitação no interior do vomitorium. (Fotografia de José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

2. A HABITAÇÃO INSTALADA NO VOMITORIUM DO TEATRO ROMANO

Como acima mencionado, a pequena unidade habitacional instalou-se entre dois muros radiais que conformavam uma das entradas da *cavea* do monumento cénico. Sabemos da existência de uma porta a sul, que daria acesso a um pequeno espaço antes dos muros radiais diminuírem a distância entre eles e acomodarem dois degraus que conduziriam ao *praecintio*. Uma ombreira, em biocalcarenito, de bom talhe, testemunha a existência daquele vão. De facto, a qualidade da peça permite colocar a hipótese de se tratar de um elemento reaproveitado de época anterior.

Esta porta abre-se num muro com apenas 0,45 m de espessura e 1,30m de comprimento adossado ao muro radial do vomitorium do lado nascente. A mesma teria originalmente cerca de 1,14 m largura, o que indica uma dimensão acentuada para um compartimento tão pequeno, o que pode ser explicado pela funcionalidade do espaço. Com efeito, a localização de uma área de fogo junto à porta poderá ter exigido um vão maior para a saída dos fumos.

O aparelho evidenciado nesta estrutura é de fraca qualidade, recorrendo a pedras e tijolos reaproveitados, não aparelhados, de pequeno módulo e de formato sub-retangular (Figura 6). Na parte superior observam-se pedras de maior calibre, embora não se registem fiadas regulares, tendo sido dada maior consistência ao aparelho através de preenchimento das juntas com argila.

Do lado norte, implanta-se um outro muro composto por fiadas de pedra de maiores dimensões, não aparelhadas, com uma fiada de tijolos também reaproveitados, a separar as duas fiadas. Um dado curioso é que a parte inferior desta estrutura se encontra a um nível mais alto que a estrutura do lado sul acima descrito, evidenciando cotas distintas de utilização a norte e a sul do compartimento. O pavimento (Figura 5) que se observa encosta ao muro radial poente, sendo composto por pedras reaproveitadas, como acima referido. Um desses elementos, fragmentado, apresenta dois cantos arredondados e uma pequena moldura de idêntica morfologia. O conjunto cerâmico e a lareira onde as peças foram exumadas encontrava-se imediatamente a sul da área de pavimento.

Os sedimentos subjacentes ao pavimento assim como às duas estruturas que delimitam o compartimento, são de matriz argilosa, de cor esverdeada, com alguns materiais cerâmicos. Da área inferior ao muro situado a norte foi recolhido, numa limpeza do local em



Figura 6 – Pano de muro em “opus mixtum irregular”. Face interna do muro sul do compartimento em análise. (Fotografia de José Avelar – Museu de Lisboa / EGEC).

2006, um balaústre de capitel jónico. Conserva cerca de metade do balaústre (*pulvinus*) decorado com folhas de água imbricadas que se dividem do centro para o exterior a partir de um *balteus*. Frontalmente possui uma voluta ornamentada por roseta quadripétala com botão central. De claro efeito naturalista e talhe bem executado, atribuímos este exemplar ao período entre a segunda metade do séc. I e o séc. II d.C. (Fernandes 2011, p. 274).

O comprimento deste compartimento é de 2,53 m (norte / sul e distância medida entre os dois muros tardios). Desconhecemos se existe alguma abertura nesta estrutura norte, uma vez que grande parte permanece sob parte do leito da Rua da Saudade, ainda não intervencionado arqueologicamente. Caso não exista nenhum vão desse lado do compartimento encontramos-nos perante uma unidade habitacional de exíguas dimensões. Naturalmente que outros espaços poderiam existir a nascente e a poente, mas não se reconhecem vãos de ligação, pelo que a comunicação entre eles teria de ser feita, obrigatoriamente, pelo exterior deste compartimento.

Existe uma pequena antecâmara com 43 cm de largura entre o muro sul do compartimento e o limite norte do vomitorium, local onde os muros radiais alargam, formando um corredor onde se implantam dois degraus (Figura 7).

Esta antecâmara revelou, no lado oposto à porta, uma ânfora partida, cujos fragmentos do bojo se encontravam cuidadosamente uns sobre os outros. Repousando sobre o último fragmento³ foram reconhecidos materiais osteológicos pertencentes a um nado

³ O maior destes fragmentos, que conserva o bico fundeiro encontra-se em exposição no Museu de Lisboa – Teatro Romano.

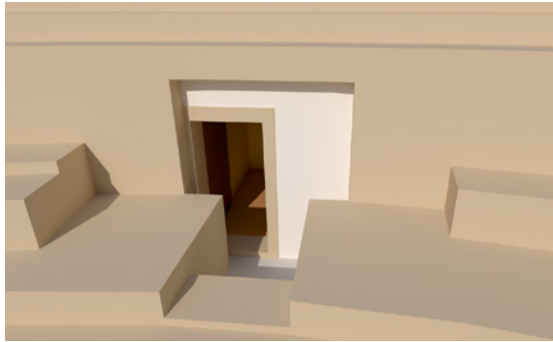


Figura 7 – Reconstituição hipotética da área habitacional no interior do vomitorium do teatro romano. Desenho de reconstituição elaborado por Carlos Loureiro – Museu de Lisboa / EGEAC.

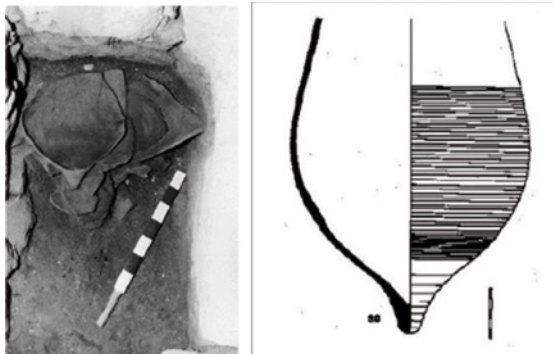


Figura 8 – Fragmentos anfóricos *in situ* no interior da antecâmara da habitação no vomitorium (Reproduzido de Diogo, 2000) e desenho do fragmento de fundo de ânfora (*Idem*, 2000).

morto ou a uma criança recém-nascida. Infelizmente, tais vestígios não se preservaram, nem subsistem registos fotográficos dos mesmos⁴, somente existindo uma imagem dos fragmentos anfóricos já sem o material osteológico (Figura 8). Este contexto, encontrava-se depositado a uma cota inferior à ombreira de porta, não se encontrando à vista aquando da utilização da unidade habitacional de que falamos.

3. ESPÓLIO CERÂMICO

O espólio agora apresentado diz respeito aos materiais exumados na campanha de 2015, conduzida pelos dois primeiros signatários e é oriundo do nível de lareira localizada no espaço a norte, associada ao pavimento desta habitação, composto por elementos pétreos reaproveitados.

⁴ A informação que aqui partilhamos foi por nós diretamente observada tendo participado na escavação da área em causa (LF).

No total, foram aí recolhidos 20 fragmentos, (6 NMI), distribuídos por ânforas, cerâmicas de cozinha, armazenamento e mesa.

As primeiras estão representadas por um único exemplar de produção oriental, pasta bege rosada de textura grosseira, com elementos de quartzo bem patentes. Apresenta uma curvatura com as típicas caneluras destas produções embora o facto de se tratar de um fragmento de parede iniba uma classificação cronológica precisa (Figura 9, nº 1). Corresponde a um dos diferentes modelos anfóricos produzidos no Mediterrâneo oriental, bem documentados nos contextos olisiponenses da Antiguidade Tardia.

No âmbito da cerâmica comum destacam-se dois exemplares de formas de cozinha: um exemplar do tipo pote/panela de bordo voltado para o exterior, colo curto e perfil tendencialmente globular (Figura 9, nº 2), forma bastante difundida nos contextos tardios da cidade de Lisboa até meados do séc. V d.C. (Grilo, Fabião, Bugalhão, 2013) que se prolonga, pelo menos, até aos finais da centúria seguinte. Está bem representado em contextos próximos como as Escadinhas de S. Crispim (Quaresma, 2014, fig. 11, nº 73) em níveis coevos dos finais do século V/inícios do século VI d.C., na Sé Catedral, integrando o tipo 1 das formas designadas como panela, onde é um dos mais representados (Gaspar e Gomes, 2015, p. 857, fig. 10, nº1), ou no Palácio dos Condes de Penafiel, embora aí já maioritariamente de produção manual, em contextos de finais do século VI d.C. (Silva, de Man, 2015). A pasta possui vestígios de sobre cozedura e as superfícies externas alisadas possuem vestígios de polimento. Outro exemplar muito provavelmente deste tipo, (Figura 9, nº 5) de fundo plano e perfil ligeiramente ovoide, não asado, integra também este grupo, apresentando como o anterior igual acabamento e vestígios de combustão nas paredes exteriores.

As pastas destes exemplares assemelham-se aos grupos de produção local e regional conhecidos da região, com cozeduras oxidantes, heterogéneas, ligeiramente friáveis e com presença de quartzos, micas e óxidos de ferro, de calibres variados.

Os exemplares 3 e 4 integram o grupo das cerâmicas de mesa (Figura 9, nº 3 e 4). O primeiro corresponde a um fragmento de bordo direito e asa de jarro de secção oval alongada e possui uma pasta de textura heterogénea, com presença de quartzo e micas. As superfícies são alisadas, com uma aguada castanho avermelhada da cor da pasta. Formalmente, encontra paralelos com exemplares exumados nas Escadinhas de São Crispim (Quaresma, 2014, fig. 12, nº 85), igual-

mente de colo curto e ligeiramente achatado. Já o segundo parece corresponder a um fragmento de jarro ou cântaro, com uma pasta de tonalidade alaranjada, muito semelhante às produções de cerâmica comum de tradição romana do Vale do Tejo.



Figura 9 – Espólio cerâmico exumado no nível da lareira do interior da habitação do vomitorium. (Desenhos e fotografia de Carolina Grilo – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

Este conjunto deverá ser lido em conexão com os conjuntos dados a conhecer em 1993 por António Dias Diogo resultantes da escavação inicial desta área, que permitem postular uma cronologia de abandono deste espaço habitacional balizada entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século VI d.C. (Diogo, 1993). Aí se menciona a recolha de materiais no nível de pavimento da habitação resultante da reconversão do antigo vomitorium, entre os quais formas de TSAfr D Hayes 99 e 87 A e sigillatas focenses Hayes 3 (Diogo, *idem*, p. 222-224, fig. 11). O mesmo autor, em publicação de 2000, refere igualmente como oriundos de um contexto bem definido do vomitorium (camada 8) alguns fragmentos de ânforas de produção oriental: paredes, um colo com asa e um fundo (2000, p. 174, fig. 3). Este último foi classificado como Late Roman 2/Keay LXV, (Calado; Ramos, 2011, p. 4), devendo hoje integrar o grupo de ânforas sob a designação de Ágora M273 /Late Roman 8. É um contentor de média a pequena dimensão e forma cilíndrica, mais largo na base, com o fundo terminando num pontal mais ou menos alongado.

Entre outros dados que sustentam uma ocupação ou uma frequência do antigo teatro romano de *Olisipo* quer neste lapso temporal, como em momentos anteriores, este autor refere ainda outros conjuntos, oriundos dos trabalhos sob a sua direção, do então Gabinete Técnico do Teatro Romano (1993; 2000; Diogo e Sepúlveda, 2000) e das escavações da década de 60 efetuadas por Irisalva Moita. Entre os primeiros, sem contexto definido, provenientes de aterros ou revolvimentos, dois fragmentos de asas de ânfora Late Roman I / Keay LIII, uma produção da costa da Turquia, de Rodes e de Chipre, cronologicamente balizada entre o século V e os inícios do VII (Diogo, 2000, p. 164 e 174, fig. 5, nº 26 e 27), um fundo do tipo Keay LXI ou LXII, com cronologia possível dos meados do século V a meados do VI, originária da Tunísia (Diogo, 2000, p. 174, fig. 6 nº 32), assim como cerâmicas finas e lucernas, estas últimas também integradas em cronologias coevas (Diogo e Sepúlveda, 2000, fig. 2) (Figura 10).

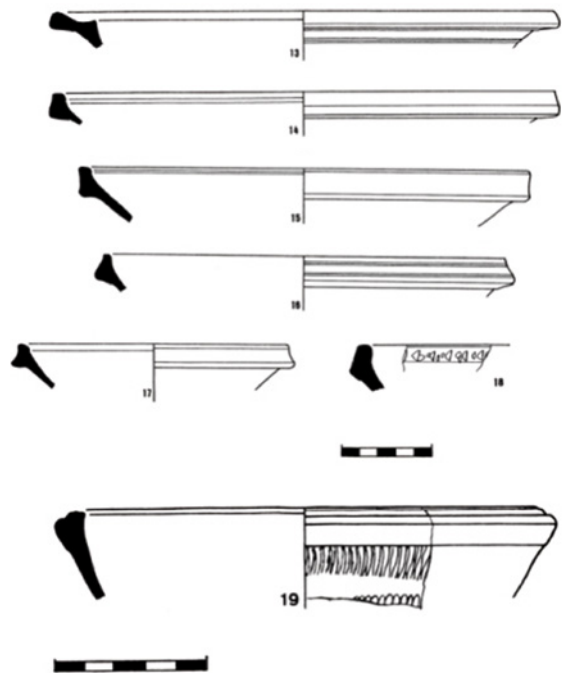


Figura 10 – Materiais oriundos das escavações do teatro romano de Lisboa. Cerâmicas finas: 13 – Hayes 5 A, 14 a 18 Hayes 5, 19 – Hayes 2. (Reproduzido de Diogo, Trindade, 1999).

Já das campanhas conduzidas em 1966-67 por Irisalva Moita, são mencionadas as formas Hayes 91B e 91C e Hayes 87 A (Diogo & Trindade, 1999, p.90, fig. 4 e p. 89, fig. 3, nº 7), assim como exemplares de

sigillatas focenses Hayes 3 e 5⁵. Além destas foram ainda identificados exemplares de *sigillatas* cipriotas tardias, testemunhadas pela forma Hayes 2, (*idem*, 1999), forma característica do período de apogeu daquela produção, situada entre os meados do século V e o segundo quartel do VI d.C. (Hayes, 1972, p. 375).

Mais difícil será determinar a cronologia de estabelecimento deste espaço habitacional e de abandono do monumento cénico. Com efeito, embora não subsistam, no estado atual dos conhecimentos, contextos arqueológicos diretamente relacionados com estes processos, a informação disponível sugere efetivamente uma continuidade ocupacional do espaço do antigo teatro, praticamente de forma ininterrupta, à semelhança de outros processos de reconversão de antigos espaços públicos da cidade de *Olisipo*, que se redesenham adquirindo novas funções, no âmbito do domínio privado.

Por outro lado, é igualmente evidente a relação dos conjuntos artefactuais desta fase com outros contextos materiais da antiguidade tardia observados no casco urbano de *Olisipo*, quer ao nível das cerâmicas finas, como nas produções de cariz regional, onde se assiste a uma tendência para a linearidade formal dos modelos cerâmicos de tradição romana e, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento de produções de diferentes características tecnológicas e novos modelos decorativos (Diogo, Trindade, 1999; Diogo, Trindade, 2000; Silva; De Maan, 2012; Grilo *et al.*, 2013).

Contextos desta fase estão igualmente reconhecidos nas imediações do teatro romano: na Sé de Lisboa, onde parte da antiga via pública é reconvertida em espaço habitacional e outras áreas anexas são abandonadas no século VI d.C. (Amaro, 1995; Gaspar, Gomes, 2015) e nas Escadinhas de São Crispim, (Quaresma, 2014), ambos com paralelos para o conjunto de cerâmicas comuns agora apresentado, ou ainda no Palácio dos Condes de Penafiel (Silva, De Maan, 2015).

Paralelamente, a zona da “Baixa” também tem vindo a fornecer dados importantes para uma maior caracterização dos momentos tardo-antigos da cidade, estando registados níveis da segunda metade do século V e inícios do séc. VI d.C. no NARC (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013), na Rua de São Nicolau (Casimiro, Silva, 2013), na Praça da Figueira (Silva, 2012) e nos

⁵ De sublinhar que nas reservas do Museu de Lisboa – Teatro Romano subsistem apenas exemplares de fundos de algumas destas produções, nomeadamente das formas Hayes 99 e Hayes 3 e 5, cujas características morfológicas permitem uma classificação formal nestes tipos.

antigos “Armazéns Sommer” (Gomes, Gaspar, 2007), estes últimos associados a reformulações e reorganizações dos antigos espaços públicos.

Finalmente, na fábrica de preparados piscícolas da Casa do Governador da Torre de Belém é também reconhecido um conjunto de elementos que permitem postular a frequência daquele espaço após a desativação da unidade fabril, em pleno século VI d.C., tendo sido aí recuperado um *pentanumium* de Justiniano I, cunhado na oficina nº 1 de Constantinopla, a par com fragmentos de ânforas orientais do tipo LR 1 e um A2 de Teodósio, da série *Gloria Romanorum*, encontrados em estratos sobre as camadas de derrube das coberturas das últimas cetárias em uso naquela unidade (Fabião, 2009, p.26).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se ditem na sua maioria, de contextos parcelares e de uma amostragem reduzida, obrigando às devidas cautelas, parece certo que se observa ao longo destes momentos a reocupação e reconversão de diferentes espaços entretanto desativados e de algumas parcelas de edifícios públicos da antiga cidade romana, como atestado no teatro romano.

Da mesma forma, a presença de materiais importados, atesta a manutenção de alguns dos circuitos comerciais anteriormente estabelecidos, embora esta pareça ocorrer em menor escala e com novas orientações. No que respeita ao abastecimento dos produtos alimentares, sobressai o comércio de bens oriundos dos mercados orientais, suplantando, em alguns casos já trabalhados, as importações africanas, que eram majoritárias em momentos anteriores. Este parece ser o caso dos contextos dos “Armazéns Sommer” datados dos finais do século V e inícios do VI d.C., onde as ânforas orientais representam cerca de 25% do conjunto anfórico, ultrapassando largamente as importações africanas com cerca de 11% (Fabião, Pimenta, em publicação; Morais, Quaresma, 2012, p. 380).

Nas cerâmicas finas, a presença de importações orientais e, em menor número, do Mediterrâneo central e do norte de África, é também reveladora de uma dinâmica comercial continuada, embora também com menor intensidade que nos séculos anteriores. Esta tendência, já sublinhada por alguns autores, parece estar também relacionada com o papel que a cidade desempenharia na rota de ligação do Mediterrâneo central ao Atlântico Norte e ao abastecimento das cidades da costa atlântica (Fabião, 2009; Fernández, 2010, p. 380; Silva; De Man, 2015).

Cabe assim sublinhar que o antigo edifício cénico, à luz da cidade tardia é reconfigurado e reconvertido, numa nova lógica urbanística e arquitetónica, que condiciona a sua envolvente. O mesmo parece acontecer, por exemplo, com as termas dos Cássios, localizadas a poente e a sul do teatro. Estes dois edifícios constituem-se como marcas do território, enquadrando novas edificações que vão surgindo. Em trabalho anterior tivemos oportunidade de analisar vários elementos arquitetónicos identificados entre estes dois monumentos romanos (Fernandes, Fernandes, 2014, p. 225-243). O estudo possível desse espólio, o qual, na sua grande maioria surge descontextualizado, permite concluir por uma dinâmica construtiva e decorativa da cidade desde a Antiguidade Tardia até aos primeiros séculos da Idade Média. Não obstante, reconhecem-se influências, correntes ornamentais e contextos socioculturais mais variados que aqueles até agora identificados entre a Antiguidade Tardia e a época de domínio visigótico (*idem*, p. 227).

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Clementino (1995) – Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de Lisboa, in *IV Reunião de Arqueologia Cristã* (Lisboa, 28-30 de Setembro / 1-2 de Outubro de 1992), Barcelona, Institut D'Estudis Catalans, Universitat de Barcelona, U.N.L. (Col. Monografies de la Secció Hispòrica-Arqueològica, IV), pp. 337-342.
- CALADO, Marco; RAMOS, Maximino (2011) – *Desativação dos equipamentos lúdicos romanos (o exemplo de um contexto tardo-romano do teatro romano de Lisboa)*. Trabalho efetuado no âmbito da licenciatura em Arqueologia na FCSH de Lisboa. Policopiado.
- CASIMIRO, Luísa; SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: AAP, pp. 859-863.
- DIOGO, António Dias (1993) – O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as atuais escavações. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, n.º 2 – Teatros Romanos de Hispania. Murcia, Collegio de Arquitectos de Murcia, pp. 217-224.
- DIOGO, António Dias (2000) – As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 163-179.
- DIOGO, António Dias.; TRINDADE, Laura (1999) – Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 83-95.
- DIOGO, António Dias; SEPÚLVEDA, Eurico de (2000) – As lucernas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol 3 nº 1, pp 153-161.
- FABIÃO, Carlos (2009) – O Ocidente da península Ibérica no século VI: sobre o *pentanumium* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4.
- FERNANDES, Lídia (2011) – A decoração arquitetónica de época romana do municipium olisiponense. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 263-311.
- FERNANDES, Lídia (2017) – Museu de Lisboa – Teatro Romano: um museu e um monumento romano na cidade. *I Encontro de Arqueologia Urbana: uma cidade em escavação* (Teatro Aberto, 26-28 novembro 2015). Lisboa, pp. 193-211.
- FERNANDES, Lídia (2017 a) – Teatro Romano de Lisboa: as ruínas e o seu museu ou como a arqueologia promove o diálogo educacional. *Revista Temporis [ação]*: 17, nº 2, pp. 7-20.
- FERNANDES, Lídia; ALMEIDA, Rita Fragoso de (2013) – Um Celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do séc. XVI à actualidade. *Congresso Internacional de Arqueologia Moderna* (6-9 Abril, FCSH da Universidade Nova de Lisboa). Lisboa, pp. 111-122.
- FERNANDES, Lídia; ALMEIDA, Rita Fragoso de; LOUREIRO, Carlos (2014) – Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*, Volume 11. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, pp. 19-33.
- FERNANDES, Lídia; FERNANDES, Paulo Almeida (2014) – Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitetónica na cidade de Lisboa *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 225-243.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2010) – Resultados Preliminares del Estudio de la T.S. Focense (LRC) aparecida en Vigo (Galiza, España). In *Rei Cretariae Romane Fautorum*, Acta 41. pp. 375-384.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2015) – As cerâmicas da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa, Portugal. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional* (pp. 851-861). Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico de Mértola.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2017) – O espaço público de época romana dos Armazéns Sommer. *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*, Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa, pp. 104-105.
- GRILLO, Carolina, FABIÃO, Carlos; BUGALHÃO, Jacinta (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC), Lisboa. *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: AAP, pp. 849-857.
- HAYES, J. (1972) – *Late Roman Pottery*. The British School at Rome, London.


OPAIȚ, A. (2014) – The baggy amphora shape: a new fashion? *LRCW 4 Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry. The Mediterranean: a market without frontiers*. Volume I, pp. 441-450.

PIMENTA, João; FABIÃO, Carlos (em publicação) – Ânforas orientais em Olixippona (Lisboa): a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana. In Simpósio “A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana”. Peniche, 16 a 18 de novembro de 2006.

QUARESMA, João C. (2014) – Late Contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. *LRCW 2*.

QUARESMA, João C.; MORAIS, R. (2012) – Eastern Late Roman fine ware imports in Bracara Augusta (Portugal). *XXVIIth Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores* (19 a 24 de Setembro de 2010, Belgrado), RCRF. Acta 42, pp. 373-384.

SILVA, Rodrigo B. D., & de MAN, Adrian (2015) – Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional*. Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico de Mértola, pp. 455-460.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt